



III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022



Reinventando a Comunicação em Tempos Sombrios A crise como oportunidade e a tecnologia como estratégia de ação afirmativa¹

Cláudio Cardoso de PAIVA²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O presente trabalho consiste num relato de experiência no âmbito da pesquisa e docência na área de Comunicação, durante o confinamento, quando as escolas têm sido obrigadas a realizar suas atividades mediadas pela tecnologia. Pesquisa online, aulas remotas, conversações virtuais e *lives* acadêmicas têm constituído a tônica no que respeita à práxis pedagógico-comunicacional. Tal circunstância traz desafios e leva o corpo docente a se adaptar às condições de trabalho, adotar um novo *modus operandi* e novas “estratégias de comunicação” (RODRIGUES, 2001; SODRÉ, 2006) no exercício de suas competências, fazendo uso dos dispositivos digitais. Por um lado, isso tem gerado crise, mas também instigado a coragem de criar, no plano da experiência de aprendizagem, aliando a sensorialidade tecnológica e a inteligência coletiva conectada.

Palavras-chave: crise; oportunidade; aprendizagem; mídia; mediação tecnológica.

Introdução

Na trilha de uma genealogia da palavra “crise”, encontramos a referência a um estado de caos, incerteza, instabilidade, derivada de “*crisis*” (latim), “*krisis*” (grego) ligada ao verbo “*krínein*”, implicando a faculdade de julgar, mas também decidir, separar, escolher³. Aparece no vocabulário da área de saúde indicando uma condição “crítica” que necessita de solução. O verbo “*krínein*” irradia uma bacia semântica que envolve outros setores da experiência sociolinguística greco-latina, como crítica (*kritiqué*), crime (*crímen*), critério (*kritérion*) e hipocrisia (*hypokrisía*). Segundo Veschi (2020), pode-se falar em crise institucional, econômica, política, religiosa, mundial, e acrescentaríamos

¹ Trabalho apresentado no GT3 - Comunicação em tempos de crise e interfaces tecnológicas da III Jornada Pan Amazônica de Folkcomunicação e do V Encontro de Comunicação de Parintins.

² Professor Titular do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, email: claudiocpaiva@yahoo.com.br.

³ Cf. Petit Robert, em *Dictionnaire de la langue française*.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



ecológica, moral e existencial, considerando o contexto sociocultural e ecopolítico em escalas regional, nacional e internacional.⁴

Esse preâmbulo parece propício para iniciar o relato, particularmente, no que concerne ao contexto brasileiro, afetado pela dupla crise – no âmbito da saúde (pandemia) e no âmbito da gestão política (pandemônio) – gerada pelo que tem sido chamado “Estado de Exceção” (AGAMBEN, 2004), desde o golpe de 31 de agosto de 2016, que derrubou a Presidenta Dilma Rousseff.

Entretanto, convém lembrar, na Filosofia Chinesa o vocábulo “crise” surge associado ao conceito de “oportunidade”. Ou seja, “o termo chinês “*weiji*”, que significa crise, é um ideograma formado pela conjunção de duas partes: uma de conotação negativa designando perigo (*wei*), e outra, promissora, que remete a oportunidade, ocasião propícia (*ji*). (VEJA, 31.06.2020). Diríamos, a hora da chance de “iluminar o espírito”, guarnecido de coragem para enfrentar, escolher, decidir em momentos difíceis, podendo assim transcender a crise, orientado por “afetos e potências afirmativas” (SPINOZA).

Seguindo essa linha de reflexão, e partindo de uma mirada mitopoética, antroposófica, com inspiração na Filosofia e Ciência do Imaginário (Durand, Maffesoli, Rocha Pitta, Paes Loureiro), remontamos duas imagens do Tempo no mundo antigo: o (grego, ou Saturno, latino) traduz o “tempo que devora”, uma cronologia linear, materializada no calendário, relógio de ponto, máquina de calcular, o tempo do capital, uma medição do fluxo temporal que – simbolicamente – amarra as ideias da Gênese e do Apocalipse; portanto, o tempo de uma escatologia cristã. E, em contrapartida, há outra acepção de tempo: o Kairós, o tempo da oportunidade, o intervalo, a “hora h”, o *timing* preciso, o instante privilegiado do *insight*, da descoberta, avanço, superação.

Por fim, traríamos uma referência mitológica como tradução do nosso espírito do tempo: a Caixa de Pandora, cuja abertura espalharia os males do mundo – os quatro cavaleiros do Apocalipse, a guerra, a fome, a peste, a morte (espectro pessimista que traduz a distopia contemporânea), mas que contém no fundo a Esperança (uma forma de utopia, uma visão positiva, mais otimista, fazendo uma aposta em dias melhores).

⁴ Cf. Veschi, *Etimologia.com.br/crise*, 2020.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Deste modo, enunciamos o “espírito científico” (conforme a concepção de Bachelard) que norteia o nosso *modus operandi* no exercício da experiência epistemológica, didático-pedagógica e ético-comunicacional. A rigor, o trabalho resulta das aulas de “Teoria da Comunicação e Cultura Midiática”, “Antropológica da Comunicação Audiovisual”, “Ficção Televisual”, “História Social da Mídia”, “Cibercultura”, entre outras, na Graduação e na Pós-Graduação, desde o começo do século XXI; a rigor, disciplinas da área de fundamentação teórica e epistemológica.

Ao longo da experiência, ocorreu o fato de brotarem dos debates em sala e conversações virtuais, alguns temas específicos que ganharam extensividade em diversos afluentes investigativos, a saber: 1. A representação do Nordeste na cultura midiática audiovisual; 2. Amazônia e a região Norte no contexto dos audiovisuais; 3. Afrobrasilidade e o problema do racismo na TV, Cinema e hipermídia; 4. Mídia e Questões de Gênero: movimento feminista e comunidade LGBTQIA+; 5. Distopia e Esperança na Cibercultura: de *Black Mirror* a *Pantera Negra* etc; 6. Estudo de caso: a obra do artista plástico Flávio Tavares: conjunções da arte visual, crítica social, sátira política e mídia interativa.

A representação do Nordeste na cultura midiática audiovisual

A inscrição da temática Nordeste se faz presente desde a Tese de Doutorado na Sorbonne, intitulada “Dionísio na Idade Mídia – Estética e Sociedade na Ficção Televisual Brasileira”. À época o pretexto foi mostrar como a teledramaturgia brasileira (novelas e minisséries) têm uma forma apolínea, ordenada, tecnicamente controlada, voltada para a edição e exibição do belo a partir de matrizes industriais e regulações mercadológicas. Entretanto, seu conteúdo é dionisíaco, explosivo, brutal, carnavalesco, pois busca uma imitação fidedigna da realidade, e se empenha numa modulação do social, mostrando o grande abismo entre *O Brasil simulado e o Brasil real* (SODRÉ, 1990).

No que respeita ao Nordeste, buscamos mostrar primeiramente, o desenho de uma dimensão negativa da representação midiática, desde os anos 60, em moldes de indústria



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



cultural, com as seguintes características: há uma hegemonia audiovisual do eixo Rio - São Paulo, em detrimento da audiovisibilidade das demais regiões do país. Há igualmente uma deformação da representação do Nordeste a partir de construções estético-ideológicas regressivas, marcadas pelos clichês, estereótipos, caricaturas, visões preconceituosas e negativas, em que prefiguram as imagens do nordestino como “cangaceiro”, “retirante”, “pau-de-arara”, “paraíba”, “baiano”, “cabeça-chata”.

A título de embasamento histórico (e sociológico), remontamos a obra *A Invenção do Nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque, que afirma ser o Nordeste uma invenção recente (secularmente diluído numa concepção generalista do “norte” do país): “O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido” (1996, p.307). O historiador explora as representações do Nordeste na sociologia, literatura, cinema, música, desvelando os modos de formação da identidade; logo, focaliza as lutas sociais, os paradoxos e complexidades regionais.

O Nordeste Brasileiro na Teledramaturgia

De olho nessa complexidade, investigamos a temática do Nordeste na história da teledramaturgia e encontramos um rico manancial de elementos que elevam a qualidade da televisão ao visualizar o Nordeste. Cumpriria destacar – em princípio – as obras célebres, como *O Bem Amado* (Dias Gomes, 1973), *Gabriela* (Walter Jorge Durst, 1975), *Saramandaia* (Dias Gomes, 1976), *Roque Santeiro* (Dias Gomes, 1985).

Assim, surpreendentemente, no interior da indústria cultural instala-se um vetor estético, lúdico, mitopoético que apresenta molduras do Nordeste, em toda sua complexidade dionísia, mística, carnavalesca, politeísta, multicultural. Dias Gomes mostra o sublime, o grotesco, o fantástico, o sobrenatural, a beleza do povo, a feiura da “elite do atraso”, a memória das corajosas lutas, resistências e avanços sociais.

A presença marcante de Guel Arraes – “um inventor do audiovisual” – (junto com Adriana e João Falcão) resultou entre outras expressões primorosas, como a adaptação da



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



obra de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida* (1999) em minissérie. A força simbólica da mitopoética nordestina, a reconstrução dos tipos sociais e a formulação de situações dramáticas na vida cotidiana conferem uma elevação da ética-estética no âmbito da teledramaturgia e da representação do Nordeste. O que significa enfrentar e transcender a crise estrutural racista e preconceituosa acerca da região, promovendo estilos de identificação, reconhecimento e elevação da autoestima do Ser nordestino.

Nesse sentido, caberia sublinhar alguns títulos, a começar por *A Pedra do Reino* (Luís Alberto de Abreu, Bráulio Tavares e Luiz Fernando Carvalho, 2007), resgate extraordinário da obra de Suassuna, que embora não tenha obtido sucesso de público, permanece como um clássico no mercado internacional da ficção. As adaptações da literatura para o audiovisual têm sido um expediente exitoso, desde as origens da teledramaturgia.

Há obras como *Amores Roubados* (adaptação do livro *A Emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela, em 2014), que avançam em termos estéticos, tecnológicos e resgatam as “matrizes culturais” (MARTIN-BARBÉRO, 2008). Fazem a denúncia do machismo, patriarcado e dominação masculina, e desvelam as formas de emancipação de gênero, ou seja, atuam como vetor afirmativo no campo das lutas sociais, modos de subjetividade e socialidade numa região com fortes traços de violência e exploração.

Velho Chico (Benedito Ruy Barbosa / Luiz Fernando Carvalho, 2016) ficará no imaginário popular como uma telenovela marcada pelo acontecimento trágico da morte do ator Domingos Montagner, um dos protagonistas da ficção que morreu afogado no Rio São Francisco durante as filmagens. Trata-se de uma saga no Nordeste contendo todos os ingredientes de uma narrativa épica, contando a história de uma família ao longo de quase meio século. E mostra, fidedignamente, as transformações do patriarcado nordestino, os embates históricos entre a casa grande e a senzala, os senhores e os serviçais, os fazendeiros-latifundiários e os lavradores, os poderosos e os desvalidos. O autor, Benedito Ruy Barbosa, tem vasta experiência no trato das questões sensíveis, delicadas, dos fenômenos extremos, situações intimistas e dilemas sociais que afloram nas entranhas do Brasil, como bem mostrou a novela *O Rei do Gado* (1996).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



A propósito, a minissérie *Justiça* (Manuela Dias / José Luiz Villamarim, 2016), consiste numa “síntese do Brasil”. É encenada no Recife, trágica e poeticamente urbana apresenta o retrato ácido de uma metrópole brasileira, com tudo o que isto implica em machismo, racismo, preconceito de classe, corrupção política e empresarial, mas “sem perder a ternura”. A minissérie é um regalo poético-industrial-tecnológico, que ganha dimensões exponenciais pela direção de arte, fotografia e principalmente a trilha sonora, pois inclui as grandes expressões musicais do Nordeste, perfazendo um belo e vigoroso roteiro acústico-sentimental. E nessa perspectiva estética e social, assinalamos a super-série *Onde Nascem os fortes* (2018), com direção de Walter Carvalho. Outra vez, a teledramaturgia é exitosa na atualização da geopolítica com matizes urbanos, em que as seculares formas de crise e contradição são matizadas pela leitura “em carne viva”.

Como as grandes obras da produção audiovisual internacional, têm fôlego e coragem para “olhar fundo nos olhos da tragédia” (Vianinha), e reconstroem uma mirada clarividente na região, principalmente ao situar a narrativa em um espaço-tempo que transcende as esferas do acontecimento regional, ganhando contornos universais.

Há muitas outras obras na ficção tematizando o Nordeste, que ressaltam um estilo de qualidade na TV, citamos aqui algumas para indicar os conteúdos que constituíram uma agenda temática em nossas pesquisas e nas aulas em regime remoto.

Toda transformação, como a substituição dos encontros presenciais pelas conversações virtuais, implica em mudança drástica, crise e mal-estar. Mas reza a lenda, sobreviverão aqueles que aprenderem a se adaptar às transformações. E assim tem sido em nossas aulas, cuja natureza requer aquisição de novas competências e habilidades no que concerne ao uso dos dispositivos telemáticos, e ainda se atualizar permanentemente conforme as necessidades na área de comunicação e cultura midiática audiovisual.

Amazônia e a região Norte no contexto dos audiovisuais

Nossa mirada acerca da Região Norte e da Amazônia se efetiva mais a partir da admiração e curiosidade do que pelo ponto de vista do *expert*, conhecedor da região ou do especialista. Assim, exploramos as imagens da Amazônia na televisão, tendo como



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



ponto de partida a minissérie *Amazônia – de Galvez a Chico Mendes* (Glória Perez, Marcos Schechtman, 2007).

A televisão, como diz Daniel Filho, é “um circo eletrônico”, é sobretudo diversão e entretenimento. É fruto de uma poderosa indústria cultural (Adorno), movida pelas fórmulas da espetacularização e eventualmente gera alienação e deturpação dos fatos. Entretanto, estudiosos de televisão de diferentes matizes ideológicos, como Raymond Williams; Martin Barbéro; Arlindo Machado; Muniz Sodré; François Jost e outros têm demonstrado que a televisão é bem mais do que isso.

A empresa Rede Globo é poderosa, mas não pode tudo, e não se pode examinar a TV de modo genérico observando apenas o “meio”. Há “os meios e as mediações” (MARTIN-BARBÉRO, 2008), há “o lado oculto do receptor” (SOUZA, 2021), há o “princípio dialógico” (BAKHTIN, 1988) que permeia o fenômeno da telenovela, reunindo autor e telespectador. Como escreve Arlindo Machado, a “televisão é o que fazemos dela” (MACHADO, 2000).

Glória Perez é uma autora com vontade de historiadora e, sendo acreana, na escritura da minissérie *Amazônia* recorreu a vários suportes históricos, literários, sociais, antropológicos. A sua verve de crítica social se faz evidente. Perez cobriu um amplo percurso na história da região norte, e releu algumas obras de peso, como *Galvez, Imperador do Acre* (Márcio Souza, 1976), *Terra Caída* (José Potyguara, 1961), *O Seringal* (Miguel Ferrante, 1972), e o resultado do esforço se mostrou exitoso.

A minissérie contempla o processo histórico da região, ao longo de 100 anos, através de personagens históricos: Galvez (José Wilker), Plácido de Castro (Alexandre Borges) e Chico Mendes (Cássio Gabus Mendes). Para narrar a minissérie, Gloria Perez misturou dados reais e ficção. Mas, aqui ocorre uma mirada polifônica (Bakhtin) na medida em que se representam o universo dos poderosos, personagens ilustres, abastados, os “donos do poder”, mas exhibe-se também de maneira intimista e social o cotidiano dos trabalhadores, dos líderes sindicais, dos migrantes nordestinos, dos seringueiros, dos indígenas, dos grileiros, dos posseiros e dos “sem terra”.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Mostram-se as imagens do feminino em sua condição de esposas, amantes, artistas, indígenas, serviçais e rebeldes. Desde o ciclo da borracha até o tempo das “bancadas da bíblia, boi, bala”, dos conflitos agrários sangrentos e da necropolítica, vastas fraturas e fissuras da vida social e política são contempladas na série.

Durante os debates e conversações nas aulas, quando observamos a Amazônia na ficção televisual, alguns aspectos foram discutidos, demonstrando uma “vontade de saber” mais acerca da região. A cena em que o bebê é devorado por uma onça pintada, por exemplo, remete a uma visão da parte selvagem e mortífera da natureza. Os encontros, confrontos, pactos e litígios entre os “homens brancos” e os “indígenas” são mostrados de maneira a refletirmos sobre os conflitos seculares da região. Permanece na memória do público a encenação do assassinato do líder Chico Mendes. Tal episódio tem sido tristemente rememorado em 2022, pois remete ao crime da ativista dos direitos pela terra, Dorothy Stang, em 2005, e ao recente assassinato do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, em junho 2022, na Amazônia, o que reacende as discussões em nível mundial acerca dos problemas estruturais da região.

Em tempo, caberia citar o *remake* de *Pantanal*, que deflagrou uma “revolução estética” na TV brasileira nos anos 90, escrita por Benedito Ruy Barbosa, e seu neto recoloca a força da natureza no centro da cena em 2022, de modo tecnologicamente mais sofisticado. A obra merece destaque, não apenas pela recuperação da audiência da TV aberta, em época da “pós-TV”, mas pela grande visibilidade conferida à região em tempo de massacre dos povos originários da Amazônia. Muito embora a narrativa seja discreta e não avance muito na discussão das questões cruciais, abre caminho para um debate consciente e responsável acerca dos problemas na região.

O sistema de aprendizagem com apoio das tecnologias digitais nos permite capturar textos, vozes e vídeos sobre os temas tratados em tempo real e inseri-los no âmbito da conversação em rede. Isto nos leva a realizar um exercício de comunicação comparada trazendo à discussão dos acontecimentos, comentários, depoimentos e testemunhos acerca da Amazônia, como o Protesto em Paris (2021), contra a situação sociopolítica do Brasil, durante a pandemia, sob o signo da necropolítica brasileira.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



No que respeita ao desmatamento, às queimadas, o genocídio indígena, a presença sinistra dos garimpeiros, madeireiros e traficantes na Amazônia, é exemplar o vídeo-documentário *Amazônia Sociedade Anônima* (Estevão Ciavatta, 2020), cuja sinopse ajuda a entendermos sua importância: “Diante do fracasso do governo em proteger a Amazônia, índios e ribeirinhos, liderados pelo Cacique Juarez Saw Munduruku, enfrentam máfias de roubo de terras e desmatamento ilegal” (GLOBOPLAY).

Logo, ampliamos o enfoque sobre o tema, instigando múltiplos olhares ao compartilhar uma diversidade de narrativas ficcionais, históricas, geopolíticas, que abarcam a espessura dos problemas da região, despertando o interesse dos estudantes.

De modo similar, recorreremos às falas da premiada jornalista e ativista ambiental Eliane Brum, cuja obra é reconhecida pela sua coragem e qualidade dos conteúdos.

E igualmente, buscamos acessar os discursos do pensador amazônico, escritor e ex-parlamentar Ailton Krenak, nos vídeos do YouTube, autor de livros de referência, como *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *O amanhã não está à venda* (2020). Krenak ocupa uma posição de destaque no contexto da inteligência ambientalista contemporânea. E sua praxis filosófica e política encontra convergência com a antropologia de Eduardo Viveiros de Castro, autor de obras incontornáveis como *A inconstância da alma selvagem* (2002) e *Metafísicas Canibais* (2015). A importância da obra de Viveiros de Castro é ímpar, pois consiste em uma mudança radical no paradigma científico da antropologia, deslocando o primado eurocêntrico e propondo uma nova mirada sobre as culturas indígenas que assimila saberes dos povos originários e se projeta para uma reflexão profunda acerca das culturas contemporâneas mundiais.

Por fim, ainda observando essa interface da Mídia e Amazônia, caberia ressaltar a contribuição de Eliete Pereira, *Ciborgues Indígenas* (2012), uma análise do modo como os indígenas utilizam as tecnologias:

O registro desta presença indígena no ciberespaço é o que nos apresenta esta obra. Aqui a figura do “ciborgue” expressa para os povos indígenas uma nova condição nativa atravessada por softwares e hardwares, sistemas informativos e fluxos comunicativos. Elementos constituintes de um protagonismo indígena adquirido nas tramas hipertextuais do ciberespaço e que permitem a retomada dos meios de produção de suas próprias etnicidades e subjetividades face aos não-índios.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Logo, o exercício paciente do ver e escutar, que se inicia com uma narrativa de ficção versando sobre a Amazônia, se amplia através do uso das mídias interativas, transformando-se numa experiência que ultrapassa a crise pedagógica durante o confinamento e nos remete (professores e alunos) para outra esfera do acontecimento educacional. A crise, assim, se transforma em oportunidade de acesso a um novo modo de aprendizado.

Afrobrasilidade e o problema do racismo na Televisão e no Cinema

No que respeita à representação dos personagens negros na teledramaturgia, o livro-filme de Joel Zito Araújo, *A Negação do Brasil* (2000), é uma referência na área:

O documentário faz uma retrospectiva das telenovelas no Brasil, analisando os papéis destinados aos atores negros, concluindo que estes sempre representavam papéis coadjuvantes, estereotipados e submissos. Tendo por ponto de partida sua memória e uma subsequente pesquisa, o filme serve de manifesto para que entendamos que se a identidade etno-cultural do negro foi negativamente moldada por essas telenovelas, elas podem ser alteradas para buscar uma imagem mais benéfica da posição que o negro ocupou, ocupa e ocupará em nossa sociedade... (WIKIPEDIA, 2022)

Graças a um histórico de lutas sociais contra o racismo, o preconceito, a discriminação, há avanços concernentes à participação dos negros na televisão, no cinema, na vida pública e nos processos de decisão. Cumpre destacar que o trabalho do professor e cineasta Joel Zito Araújo tem evoluído, como atesta a mostra da Rede TVT que compartilha nove obras “com temáticas ligadas às diferentes desigualdades históricas brasileiras”, a exemplo do documentário: *A Exceção e a Regra* (1997) que,

investiga como as denúncias de racismo são tratadas pela justiça brasileira, relatando a história inédita de persistência e dignidade de um homem negro: Vicente do Espírito Santo tornou-se um caso de exceção por ter sido a primeira vítima de racismo a furar o cerco e chegar vitoriosamente ao Tribunal Superior do Trabalho e ao horário nobre da Rede Globo. (YOUTUBE, 2022).



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Durante o exercício didático-pedagógico, na disciplina Ficção Televisual (2021), capturamos alguns depoimentos de profissionais negros acerca da condição do cidadão negro na sociedade brasileira, a exemplo da Professora Vânia Fonseca (UEPB), cujo testemunho (exclusivo para a aula virtual) afirma a necessidade de se avançar na luta pelos direitos civis e a real inserção das mulheres negras na sociedade brasileira. Hoje, há visíveis retrocessos em relação às conquistas obtidas desde a Constituição de 1988, como de resto ocorre com as demais lutas sociais, políticas e culturais no país.

Caberia destacar o trabalho do sociólogo Jessé Souza nessa direção, que tem contribuído para a pesquisa que respalda o debate em sala de aula (e nas conversações virtuais) ressaltando o livro *Como o racismo criou o Brasil* (2021):

O tema do racismo é reconstruído desde o início da civilização ocidental até nossos dias, de modo a permitir uma compreensão fundamental: a de que todo processo de desumanização e animalização do outro assume as formas intercambiáveis de racismo cultural, de gênero, de classe e de raça. Perceber as diferentes facetas do racismo possibilita não se deixar fazer de tolo, por exemplo, quando o racismo racial assume outras máscaras para fingir que se tornou guerra contra o crime, como se a vítima não fosse sempre negra, ou luta contra a corrupção, usada contra qualquer governo popular no Brasil que lute pela inclusão de negros e pobres. Apenas uma abordagem multidimensional permite efetivamente perceber como o racismo racial sempre esteve no comando da iniquidade da sociedade brasileira, da escravidão até hoje. Ao desvendar todas as máscaras de que o afeto racista se recobre para continuar vivo fingindo que morreu, podemos enfim perceber o racismo racial como a verdadeira causa de todo o atraso social, econômico e político do Brasil. Este livro veio para levar a outro patamar de sofisticação teórica a discussão sobre o racismo no Brasil e para jogar luz sobre todo o ódio e todo o ressentimento social com que nos deparamos hoje em dia. O debate está posto (SOUZA, 2021).

Em outro registro, é importante sublinhar a introdução de alguns conceitos e metodologias de análise dos fatos sociais referentes ao racismo, o que pode contribuir para elevar a qualidade da discussão sobre mídia, racismo e sociedade. É o caso do livro de Silvio Almeida, *Racismo Estrutural* (2019):

Nos anos 1970, Kwame Turu e Charles Hamilton, no livro “Black Power”, apresentaram pela primeira vez o conceito de racismo institucional: muito mais do que a ação de indivíduos com motivações pessoais, o racismo está infiltrado nas instituições e na cultura, gerando condições deficitárias a priori para boa parte da população. É a partir



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



desse conceito que o autor Silvio Almeida apresenta dados estatísticos e discute como o racismo está na estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira. (ALMEIDA, 2022)

Deste modo, apostamos em um *modus operandi* que aposta na otimização dos recursos cognitivos, estéticos, ético-políticos no âmbito dos estudos de mídia e sociedade, buscando articular forma e conteúdo. O acesso aos sites de vídeos, redes sociais, jornais e revistas especializadas, é importante em nosso contexto de confinamento devido à pandemia. Entretanto, buscamos apresentar estudos atualizados, enfim, inteligências e sensibilidades que possam somar nos esforços de enfrentar as diversas crises que nos assolam nesses anos sombrios, e particularmente à crise gerada pela violência contra os pobres, negros, mulheres, comunidades LGBTQIA+, indígenas, nordestinos, migrantes, velhos etc. Assim, nesse ambiente de sufoco em que ocorrem omissões por parte dos poderes instituídos em relação à tomada de providências sanitárias com relação à epidemia da COVID, gerando formas nefastas como o “genocídio”, procuramos obras para iluminar os caminhos, e nessa direção é importante citar o trabalho de Achille Mbembe, *Necropolítica* (2018):

Neste ensaio, propus que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. Sublinhei igualmente algumas das topografias recalcadas de crueldade (plantation e colônia, em particular) e sugeri que o necropoder embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade (MBEMBE, 2018)

A obra de Mbembe não trata exatamente da pandemia, mas nos oferece uma robusta cartografia para entendermos as formas da anomia, decadência, descaso público, violência e mortandade dos cidadãos em diversos lugares do planeta por vários motivos.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Por fim, no que concerne à representação dos negros nas mídias, audiovisuais, games e outras narrativas de nossa cultura informatizada, convém reconhecer a experiência de reciprocidade no exercício do aprendizado entre as jovens gerações e os “corações veteranos”. Remando contra a maré e acenando para uma enunciação – senão otimista, mas afinada com os tempos em que vivemos – a partir das conversações com os estudantes, tivemos acesso a uma obra cinematográfica que reconfigura o estatuto dos afrodescendentes no contexto das artes visuais do século XXI. Trata-se do filme *Pantera Negra* (EUA, Ryan Coogler, 2018), da franquia Marvel Comics.

É importante compreender os hibridismos, mixagens e migrações de gêneros narrativos em que se misturam cinema e televisão, reconhecendo os novos modos de produção, distribuição e consumo das narrativas audiovisuais. Se tinha havido uma transformação no âmbito da comunicação de massa chegando à comunicação pós-massiva, com as mídias locativas, portáteis e as nanotecnologias, desde a inserção do superoito, cassetes, microsystemes, CD musical e CD-ROM, tudo se modificou com o surgimento do *streaming*. Mudanças materiais e também mudanças sensoriais, estéticas, ético-políticas. Novas tribos urbanas vão se reconfigurar a partir das hipermídias e suas extensões. É o caso de um filme como *Pantera Negra*, voltado para os jovens, mas atrai igualmente os adultos, articulando os universos dos desenhos, animações, games, cinema, música, e se propaga nas comunidades virtuais, no mundo dos fãs, os fandoms, que reproduzem, multiplicam, ressignificam as narrativas em redes sociais.

Constroem-se assim novos vetores de identificação, reconhecimento, gratificação, e nascem novas modalidades de identidade, subjetividade e socialidade. *Pantera Negra*, se utiliza de uma linguagem mitopoética e reafirma um estilo pós-moderno nomeado por “afrofuturismo”, reunindo o ancestral e o ultra-tecnológico. Tudo isso vai contribuir também no conjunto de respostas ao racismo estrutural que atravessa diversos nichos tecnomidiáticos, sociopolíticos e culturais no planeta.

Para concluir



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Este trabalho é parte de um conjunto mais amplo. Conforme enunciamos anteriormente, propomos um relato enumerando os eixos temáticos referentes aos conteúdos ministrados em aulas remotas desde o início da pandemia, durante o confinamento. Comentar todos os temas é inviável num trabalho dessa natureza, caberia, entretanto, comentar alguns temas, indicando os enlaces com o contexto conversacional da práxis pedagógico-educacional que se realiza no confinamento.

Em princípio, cumpre reconhecer a extrema dificuldade dos trabalhadores (homens e mulheres) que têm sofrido na pele a contingência do confinamento, principalmente sob a gestão de um governo federal que mais atrapalha do que ajuda.

Mas, buscamos garimpar alguns aspectos da produção das (e sobre) as mulheres durante a Pandemia. Ocorre-nos lembrar da suspensão da telenovela da Rede Globo, *Amor de Mãe* (Glória Perez, 2020-2021), incluindo em seu elenco artistas paraibanos e nordestinos. Uma trama voltada para as questões do feminino, com ênfase nos dilemas da maternidade e a clássica busca do filho perdido. Narrativa bem elaborada, bom desempenho dos atores e exemplo de resistência em circunstâncias adversas.

Durante as sessões fizemos um balanço das narrativas com temática de gênero, o que resultou em comentários e respostas concisas dos alunos, mas com senso analítico e razoável nível de problematização. Houve um *feed back* dos estudantes indicando temas similares em outros registros audiovisuais, incluindo televisão, cinema, sites de vídeo.

Coletamos igualmente os registros das intervenções da Prof^a. de Comunicação e Pró-Reitora de Extensão da UFRJ, Ivana Bentes, uma referência no campo das mídias, mediações tecnológicas e produção artístico-cultural, com ênfase nas culturas urbano-periféricas, incluindo artes musicais. Especialista com Tese de Doutorado sobre Gláuber Rocha e o Cinema Novo. Batalhadora intransigente contra todas as crises, defensora das culturas da periferia: os pontos de cultura, o funk, rádio, jornalismo, cinema independente, projetos estéticos alinhados com as tecnologias digitais; uma voz potente, combativa e atuante em todas as áreas da produção dos negros, pobres, favelados. Discutindo e colaborando com a Mídia Ninja. E para a glória de todos os confinados durante a COVID,



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



suas intervenções - em nível acadêmico e extra-universitário - estão compartilhadas no site YouTube, gerando acessos aos pesquisadores e interessados⁵.

Capturamos algumas *lives* tratando da temática, como a vídeo-aula-entrevista de Heloísa Buarque de Holanda, ícone da produção cultural brasileira, no campo da literatura (poesia marginal, e o feminismo em suas diversas fases históricas) e as mulheres poetisas na atualidade. Várias conferências, lives e intervenções na plataforma de vídeo YouTube⁶. Enfim, a clausura durante a epidemia nos jogou nas redes, sites de vídeos, leituras imersivas compartilhadas nas aulas virtuais, conversações online, uma experiência didático-pedagógica muito rica.

Driblando as adversidades, as redes sociais funcionam como “pontes e portas” (SIMMEL, 1996), através das quais os docentes-pesquisadores confinados interagem. Nesse sentido, foi fecunda a participação da Prof^a Marina Magalhães (UFAM), nas nossas aulas remotas, apresentando seus livros na área de Comunicação Digital, *Nossos sonhos não cabem nas urnas: a crise da política e o net-ativismo* (2021) e *Net-ativismo - protestos e subversões nas redes sociais* (2019). Ou seja, um dinâmico exercício de aproximação das fronteiras acadêmicas através do computador.

Há o estudo de caso do pintor e sociólogo Flávio Tavares, que durante a pandemia realizou o projeto Claustro, espécie de instalação (formada por quatro grandes telas) dentro da qual se trancou e compartilhou no Facebook, diariamente, a experiência de pintar os temas trágicos da história e da vida cotidiana, uma espécie de diário, autobiografia imagética, sátira política e crítica social, um dos casos mais extremos de comunicação interativa e transformação da crise em uma forma de transcendência.

Como exemplo, para concluir, inserimos duas imagens: a primeira é uma das telas do Claustro, uma alegoria da crise e distopia brasileira, com Marielle Franco ao centro, os juízes em festa, Dilma Rousseff no tribunal da Inquisição e o rio do esquecimento; lá atrás, ao fundo, o inferno, entre outros espectros. Na outra, o pintor “encarcerado”, mas

⁵ Cf. “Universidade Livre e Formação em Fluxo”; “Pandemia e Tecnologias de Visualização”; “Periferia Global – Rio de Janeiro, Cidade Laboratório”; participação em fóruns de discussão, crítica da “cultura do ódio”, do cancelamento na internet, das fake News, em interação permanente com o público, além de vasta produção científica.

⁶ Cf. “Feminismo parece uma lente que te faz ver tudo diferente” - Heloísa Buarque no TVE Entrevista”; “Heloísa fala sobre o livro Explosão Feminista”; “As 29 poetisas hoje – Heloísa Buarque de Holanda”.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



em conexão permanente pelo Facebook, oportunidade extraordinária para o êxito das nossas “aulas em paredes”.



Quadro: Brasil O Golpe, A Ópera do fim do Mundo. Acervo pessoal



Flávio Tavares – confinado dentro da obra O Claustro. Acervo pessoal

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004

ALBUQUERQUE, D. M. **A Invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez, 1996

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BECKER, B; MACHADO, A. Pantanal: A Reinvenção da Telenovela. Congresso INTERCOM, 2008. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0129-1.pdf>

CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2002.

_____. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

DURAND, G. **O Imaginário**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FECHINE, Y; FIGUEIRÔA, A. **Guel Arraes: um inventor do audiovisual**. Recife: CEPE, 2008.

JOST, F. **Compreender televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MACHADO, A. **Televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

MAGALHÃES, M. **Nossos sonhos não cabem nas urnas: a crise da política e o net-ativismo**. João Pessoa: Ed. Marca de Fantasia, 2021.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



_____. **Net-ativismo: protestos e subversões nas redes sociais** (2019). Lisboa: Coleção ICNOVA, 2018.

MARTIN BARBÉRO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

O CLAUSTRO: arte sobre período de pandemia que nós estamos vivendo. In **Telejornal Bom dia Paraíba**, 16.6.2021. Disponível: <https://globoplay.globo.com/v/9608209/> . Acesso em: 16 jun. 2022.

PAIVA, C. C. **O Claustro** (Catálogo da Exposição). In: Ambiente de Leitura, out./2021. <https://www.carlosromero.com.br/2021/10/o-claustro.html>.

_____. **Dionísio na Idade Mídia**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010.

_____. **Hermes no Ciberespaço**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.

_____. **Imagens do Nordeste Brasileiro na Idade Mídia. Elementos para uma antropológica da ficção audiovisual brasileira**. Bocc, 2006. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-cardoso-imagens-nordeste-brasileiro.pdf>

PAZ LOUREIRO, J.J. **Cultura Amazônica – Uma Poética do Imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.

PEREIRA, E. **Ciborgues Indígenas**. São Paulo: Anablume, 2012.

ROCHA PITTA, D. **Iniciação à teoria do imaginário**. Curitiba: Ed. CRV, 2017.

RODRIGUES, A. **Estratégias de Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

SODRÉ, M. **O Brasil Simulado e o Brasil Real**. Rio de Janeiro: Editora Rio Fundo, 1990.

_____. **As estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, J. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: Editora Sextante, 2021.

WILLIAMS, R. **Televisão. Tecnologia e Forma Cultural**. São Paulo: Boitempo, 2016.